



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

A REPRODUÇÃO DO MEDO NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES SOCIAIS NA OBRA DE BERNARDO DE CARVALHO

THE REPRODUÇÃO OF THE FEAR IN POSTMODERNITY: SOCIAL DISCUSSION IN BERNARDO DE CARVALHO'S WORK

Ânderson Martins PEREIRA
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Mariane Pereira ROCHA
Instituto Federal Sul-rio-grandense, Brasil

Ariane Ávila Neto de Farias
Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 10/04/2019 • APROVADO EM 05/11/2019

Resumo

Este trabalho pretende, a partir de um viés comparatista, fomentar discussões acerca do medo na pós-modernidade. A discussão aqui proposta busca refletir sobre a forma como o medo afeta a vivência contemporânea e como o indivíduo pós-moderno lida com as situações e, conseqüentemente, com os limites impostos por elas. Essas reflexões serão feitas a partir das personagens de Reprodução (2013), do escritor Bernardo Carvalho, que trazem intrínsecas às suas identidades características contemporâneas. A reflexão será realizada tendo como base

Abstract

This work intends, from a comparative bias, to foment discussions about fear in postmodernity. The discussion proposed here seeks to reflect on how fear affects contemporary life and how the postmodern individual deals with situations and, consequently, with the limits imposed by them. These reflections will be made from the characters of *Reprodução* (2013), by the writer Bernardo Carvalho, fictional figures who bring intrinsic to their identities contemporary characteristics. The reflection will be based on the contributions of important theorists such as Zygmunt Bauman (2001, 2004, 2008), Itamar Even-Zohar (2010) and Stuart Hall (2005).

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea. Pós-modernidade. Medo. Bernardo Carvalho.
KEYWORDS: Contemporary literature. Postmodernity. Fear. Bernardo Carvalho.

Texto integral

A contemporaneidade é marcada por mudanças que cada vez mais nos colocam em contato frequente com a insegurança no enfrentamento do desconhecido. As relações que hoje se constroem são assinaladas pela fragmentação e pelo retorno à noção de medo que, combatido na modernidade por assertivas científicas, encontra na incerteza da solidez das instituições sociais, bem como do futuro, espaço para atemorizar a vida dos sujeitos.

O sociólogo Stuart Hall aponta “a desintegração dos padrões de relacionamentos sociais e a quebra dos elos entre as gerações deu-se em forma de lacunas entre o passado e o presente” (2005, p. 24) como uma das modificações sociais que começam a partir do século XX. O exame do pensamento pós-moderno, segundo Hall, certifica que o indivíduo sofreu mudanças ao longo de sua história ao passo que, em diferentes estágios, ele detém características peculiares. Entretanto, como o autor ainda afirma, “mapear a história da noção do sujeito é um exercício extremamente difícil” (2005, p. 24). Para uma melhor compreensão do indivíduo pós-moderno, discorrendo sobre as afirmações do autor, é importante pensar nas “concepções mutantes do sujeito humano” (2005, p.24). Mediante as progressivas transformações da modernidade, uma nova concepção de sujeito foi elaborada: o “sujeito sociológico”. Verificou-se que sua formação depende diretamente, também, de sua relação com outras pessoas. Hall afirma que é nesse mesmo período que surge um quadro turbido do sujeito: “a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (2005, p.32).

Pelo acima exposto, a obra *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, destaca a vivência pós-moderna e, em seus inúmeros diálogos, possibilita a discussão sobre as trocas e as relações que se instituem no agora. Vivemos em um momento de revolução comunicativa, o que corrobora para nossas relações sejam elas intrapessoais ou com a sociedade na qual estamos inseridos. A mencionada

obra foi publicada no final do ano de 2013, época marcada por avanços tecnológicos e grandes mudanças sociais, políticas e de comunicação.

Na referida obra, percebe-se que a razão instrumental passou a ordenar tempos e espaços, modos de produção e consumo, modos de ver, pensar e agir. Tal situação, caracterizada como “tempo de mudança”, virada de milênio, resultante da revolução tecnológica e informacional, atinge simultaneamente diferentes pessoas em diferentes espaços, constituindo uma economia global, planetária, uma cultura de virtualidade real, que integra diversas culturas em um único universo eletrônico – o ciberespaço, com suas consequências positivas e negativas. As personagens da narrativa de Carvalho vivem a globalização, sob os auspícios da eletrônica, da informática, da robótica e da comunicação que invade todo o mundo, modernizando a ordem social, econômica, cultural e pessoal. Esses vivenciam uma série de rupturas, desníveis sociais, anacronismos, dissonâncias e tensões em toda parte. A história e a cultura, suas relações, processos estruturais, vivências individuais e coletivas, nacionais e mundiais são modificadas cotidianamente. O individualismo e o medo tomam, assim, o espaço que seria das relações interpessoais na sociedade pós-moderna.

É nesse viés que *Reprodução* (2013) traz à tona questionamentos sociais da contemporaneidade como o uso das informações que são criadas e reproduzidas de modo a colaborar com cenários que não são compreendidos em sua totalidade. Essa obra traça, assim, um questionamento acerca de uma sociedade que nos desnuda frente a milhares de seguidores nas populares redes sociais; uma sociedade na qual não existem segredos e tudo é compartilhado. Um espaço de total fragmentação da noção de sujeito.

Nesse sentido, o presente artigo busca fazer uma revisão da construção dos sujeitos contemporâneos, a partir das personagens do livro *Reprodução* (2013), sob o prisma de algumas teorias pós-modernas. Dessa maneira, objetiva-se discutir aspectos sociais contemporâneos relacionados ao medo, sentimento que se acredita perpassar todas as personagens da obra. Para isso, pretende-se estabelecer um paralelo entre o estudante de chinês e a delegada, já que se acredita que ambas as personagens são fortemente afetadas pelo medo da exclusão, intensificado pela necessidade de pertencimento.

1 Sobre a pós-modernidade

É na segunda metade do século XX que um processo sem precedentes de mudanças paradigmáticas no modo de se pensar a sociedade é instalado, ao lado de transformações na história da tecnologia, acarretando uma aceleração avassaladora das tecnologias de comunicação, das transformações econômicas e das descobertas da ciência genética. Assiste-se ao nascimento de diferentes práticas culturais, ao mesmo tempo em que somos apresentados a transformações que trazem à tona questionamentos às certezas existentes, criticando os costumes antes aceitos como legítimos, transformando o homem, suas formas de conceber a sociedade em que vive e seu comportamento diante do mundo.

A ideia de pós-modernidade surge, portanto, nesse momento de crise de valores e de modelos de interpretação do real. Aceita-se que o mundo pós-

moderno é um mundo heterogêneo, formado de conceitos que ora se confluem em um mesmo sentido, ora divergem, caminhando em sentidos completamente opostos. A contemporaneidade é um tempo que carrega múltiplas possibilidades de leituras e interpretações, uma época conhecida pela fragmentação da noção do todo que leva a uma conseqüente ascensão da pluralidade de experiências. Tal momento está além das certezas dos discursos, da ideia de unidade, da razão, da ruptura com a noção do permanente, do tempo, do espaço, tudo que era sólido perde sua forma, para assumir outra e romper-se em pequenas frações, em uma eterna mutação, um período marcado por oscilações do saber. À vista disto, os sujeitos são imersos em um novo tipo de achatamento ou falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade no sentido mais literal.

A teórica Linda Hutcheon, no livro *Poética da Pós-modernidade* (2004), faz críticas a alguns estudiosos que veem o momento ao qual estamos inseridos como um período de carência de perspectivas de passado, em que a confluência e indefinições apontam para uma superficialidade das realizações e a falta de foco que encaminha a sociedade para um retrocesso. Para a autora, muitos teóricos não percebem esse momento em sua totalidade e não depreendem as críticas que se tem feito ao passado. Ao teorizar sobre o período, a autora introduz a noção do sujeito “ex-cêntrico”, essa ideia pontua a não existência de um modelo ou centro, sublinhando a presença de vários sujeitos que orbitam sobre o mesmo espaço. Todavia, isso não implica em falta de direções, mas em vários centros que levam o indivíduo a uma ampla gama de possibilidades.

A ideia apresentada por Hutcheon (2004) converge com o defendido por Zygmunt Bauman (2001) que declara esse momento como sendo marcado pelo esvanecimento de fronteiras contextuais. Esse se faria, segundo Hutcheon pela ausência de centro e, por conseguinte, da margem. No mesmo sentido, Stuart Hall (2005) aponta para a existência de vários núcleos, salientando o fato de que esse descentramento não indica a falta de identidade do indivíduo pós-moderno, mas que é perpassado por muitas identidades que mudam de lugar pela relação sempre cambiante de uma com a outra.

Nesse âmbito, o sujeito pós-moderno já não é mais o indivíduo unificado de outrora, mas sim, sem continuidade, descentrado. Na pós-modernidade, coexistem dentro do indivíduo múltiplas personalidades contraditórias que, segundo Stuart Hall (2005), andam em diferentes direções sendo, por isso, continuamente deslocadas. O homem, todo o tempo, enfrenta uma multiplicidade de personalidades com as quais se identifica em diferentes momentos. Existe uma confrontação permanente entre o indivíduo na atualidade e as muitas escolhas que este encontra a sua frente. Esse não busca somente seu lugar na sociedade ou mesmo sua identidade no mundo, como também tenta entender “o fazer as coisas” na contemporaneidade. Esse sujeito vive em meio a um turbilhão de mudanças, de escolhas, de possibilidades típicas da pós-modernidade, convivendo, dentro de si, sensações e sentimentos variados que o tornam fruto de seu tempo.

Outro teórico que reflete acerca da noção desse sujeito “ex-cêntrico” é Itamar Even-Zohar (2010), na medida em que sua teoria de polissistema trabalha com a influência que os sistemas têm uns nos outros e como essas relações de trocas acontecem. Ainda que para Hall (2005) e Even-Zohar (2010) essas trocas ou mesmo a globalização não comecem na pós-modernidade, essas relações se tornam mais visíveis e rápidas no momento no qual estamos imersos. Percebe-se

assim, que o cenário contemporâneo está enclausurado em uma lógica cíclica de consumismo, encorajados por comportamentos individualizados, podendo-se caracterizar os laços, as interações e os vínculos por sua noção efêmera e volátil. O que se vê é o crescimento de relações sociais frágeis e comprometidas com a intensidade do dia-a-dia, que terminam na mesma velocidade em que começam. Tudo se dá de forma súbita, tudo é de certa forma, descartável.

A discussão que envolve o conceito do “ex-cêntrico” é importante, pois vincula-se, de certa maneira, a questão outra que a pós-modernidade coloca em foco: a liquidez das fronteiras conceituais e a acelerada transformação social. Essas mudanças cobram o preço na necessidade de solidez humana. A ideia de modernidade líquida de Bauman (2001) é relevante no sentido de que a constatação de “tudo que é sólido desmancha no ar”, que o sociólogo toma emprestado de Karl Marx, traz consigo o problema de um futuro incerto.

Noções acerca do sujeito ex-cêntrico também se vinculam a questões de linguagens. No livro *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (2007), Lucia Santaella se vale da metáfora da liquidez de Bauman (2001) e a aplica à linguagem, com um foco substancial nas novas mídias. Nele, a autora menciona mudanças sociais ao mesmo tempo em que questiona as multifaces do sujeito contemporâneo. A teórica reflete ainda sobre a forma como esse novo sujeito relaciona-se com o meio:

De um lado, temos que conviver hoje com as feridas narcísicas que as descobertas freudianas provocaram ao diagnosticar as desordens identificatórias que constituem o eu, do qual a imagem corporal, sempre fragmentada é indissociável. De outro lado, surgiram os avanços da biologia, da engenharia genética, da medicina, as máquinas exploratórias para o diagnóstico médico, a multiplicação crescente e assoberbante das imagens do corpo nas mídias, simbioses cada vez mais íntimas do corpo com as tecnologias. Agindo conjuntamente, todos esses fatores constituem uma força perturbadora que problematizam sobremaneira as concepções estabilizadoras do corpo e da subjetividade. (SANTAELLA, 2007, p.18)

O excerto acima sugere que a sociedade contemporânea é perpassada por mudanças significativas que geram impactos. Percebe-se, desse modo, que as questões apresentadas pela autora, tanto sobre corporificação como sobre o espaço virtual, dialogam diretamente com as questões sobre a linguagem. Santaella (2007) não entende o espaço virtual como algo fechado, mas sim corporificado pelos sujeitos, por meio de ferramentas e aparelhos, somados ao mundo real. Sendo assim, a pós-modernidade seria marcada pela problematização das noções de espaço virtual e espaço físico.

A sociedade pós-moderna – principalmente a urbana ocidental – é caracterizada por ser a sociedade da comunicação, da globalização, da informação, da pluralidade, da disseminação do conhecimento, do contato. Porém é, também, uma sociedade marcada pelo medo do não pertencimento. Dominado pela sensação de permanente e irredutível incerteza, o sujeito pós-moderno encontra na tecnologia, que assume o lugar antes ocupado por pessoas, a forma mais rápida

de ajuste ao imediatismo e à liberdade de mobilidade em um mundo em constante movimento. O surgimento e a consolidação da presença da tecnologia na vida social e privada das pessoas são como uma teia no processo comunicativo, criando um certo tipo de sistema sem nenhum tipo de margem e limite, que permite navegar de diferentes modos em uma infinita estrutura sem reconhecer o princípio e o fim, mas que sustenta a exclusão humana.

A narrativa de Bernardo Carvalho se faz ferramenta interessante para a reflexão do até então apresentado, já que ela elabora a desconstrução e reconstrução da maneira com que os sujeitos lidam com o mundo. A forma como o sujeito da pós-modernidade configura suas relações, a necessidade de adaptar-se ao meio social para não ser excluído e/ou sentir-se excluído é representada nas personagens de *Reprodução* (2013). O temor da exclusão é sua principal característica, reflexo dos vínculos que são criados ou não na sociedade em que as personagens habitam. Carvalho pontua, assim, a exigência dos novos tempos em que tudo é marcado pela velocidade: falas, imagens e situações.

2 A Reprodução do medo

O livro *Reprodução* (2013) é dividido em três partes: língua do futuro, língua do passado e língua do presente. Em cada um desses capítulos é perceptível a frágil demarcação entre a ideia de identidade, tempo e de linguagem. No primeiro capítulo, “A língua do futuro”, o estudante de chinês acredita na importância de se aprender a língua chinesa, pois crê que o mundo será dominado pelo país oriental. As falas da personagem sugerem que aprender a língua do futuro é fundamental para o pertencimento à nova nação. Assim, as ações da personagem sugerem sua permanente luta contra a raiz do seu medo: as incertezas do amanhã. Nesse sentido, o estudante de chinês cria ferramentas para viver diferentes possibilidades, agarrando-se a um possível futuro, ao invés de aceitar as incertezas da pós-modernidade.

Bauman (2008) indica que, ainda que o futuro seja incerto, existe uma necessidade de solidez e na oportunidade de ajustes a um futuro previsível se mostra uma possibilidade de assegurar certa estabilidade mental. Cria-se então uma dicotomia de relações com o futuro. De um lado, indivíduos que vivem o presente e negam a existência do futuro, e de outro, indivíduos que perseguem e lutam por uma solidez como uma miragem, pois o amanhã ainda é névoa. Essa luta é simbolizada na obra de Carvalho (2013) através do estudante de chinês e sua constante preocupação com a possibilidade de invasão. A personagem se mostra intratável quando contradita sobre sua visão de futuro. Em suas pesquisas e informações resolve trilhar um caminho próprio, a fim de escapar do medo das incertezas. Seu foco perdura há alguns anos e, apesar das barreiras que encontra para a aquisição das ferramentas que o possibilitariam chegar a seu objetivo, persistindo em sua meta, não aceita ser questionado sobre sua decisão: “Tem medo do que eles podem fazer com a bomba? E Israel? Não tem medo do que Israel pode fazer com a bomba? Por quê? Não tem? Mesmo? Ora, pelo mesmo amor de Deus!” (CARVALHO, 2013, p.20).

A personagem vê a si mesma como bem informada dos acontecimentos e acredita que, a partir de suas redes de informação, detém um conhecimento de

futuro que não é de fácil acesso a grande parcela da população. Além disso, tenta convencer os outros para reafirmar sua posição e seus esforços acerca do futuro, conforme se verifica no excerto a seguir: “Deixe só eles invadirem! Ninguém mais vai conseguir sair do lugar. Olhe, eu sei como é que o senhor se sente. Eu também tinha medo da China, tanto que comecei a estudar chinês para receber eles na língua deles(...)” (CARVALHO, 2013, p.22).

A noção de informação o faz sentir-se privilegiado frente aos acontecimentos do futuro, mas ao mesmo tempo o estudante de chinês o teme, pois não se sente preparado para ele. A ideia da invasão de uma cultura e língua desconhecidas lhe angustiava e, uma forma de lidar com esse medo, assim, fora preparar-se para o desconhecido, tornando-o manifesto e aliado.

Outra questão que intensifica a busca por um futuro “sólido”, é a de que essa personagem se deparou com a fragilidade nas relações que possuía, tendo em vista a seu recente divórcio. Bauman (2004) pontua a superficialidade das relações humanas pós-modernas em que essas são descartáveis, pois o que importa é o momento presente e que esse seja agradável. O estudante de chinês é rejeitado porque não completa mais as necessidades de sua esposa e, dessa forma, estabelece um novo plano de futuro:

Sabe o que é viver no país e na cidade da possibilidade?
Onde vai ser sempre possível rever a mulher que te deu um pé na bunda? Sabe o que é isso? Já teve medo de viver? E de sair na rua? Quer pior horror do que viver onde ainda parece possível mesmo se já não é possível a muito tempo? (CARVALHO, 2013, P. 107-108)

No trecho acima, a personagem evidencia não apenas o seu rancor, mas o medo da incerteza de uma era que abre infinitas possibilidades e que deixa transparecer a fragilidade do sujeito perante uma vasta gama de caminhos desconhecidos. As incertezas sobre o futuro são a origem do medo, conforme destaca Bauman (2004), ao trazer a metáfora do Titanic, na qual um iceberg está sempre à espreita. Nessa perspectiva, o sociólogo afirma que nos dias de hoje não se luta apenas contra a existência de um iceberg, mas de vários icebergs desconhecidos e não mapeados que podem acabar com a existência ou, pelo menos, com a forma como ela é hoje apreendida. Em *Reprodução* (2013), o estudante de chinês atenta o leitor para essa fragilidade: “por que fui estudar chinês? É a língua do futuro. Não tem resposta. Não deixe pra amanhã o que pode fazer hoje” (CARVALHO, 2013, p.6). De fato, a personagem tem resposta quando no decorrer da entrevista com o delegado, advoga sobre a fragilidade das noções e leis sociais. Ele argumenta que a ideia que se tem de democracia e de leis pode ruir, não na possibilidade de uma nova centralidade global chinesa, mas em uma invasão, a qual modificaria tudo o que se conhece no Brasil. A personagem se prepara para um iceberg catastrófico e até mesmo anseia por ele, acreditando que o cataclismo gerado por essa invasão poderá colocá-lo em uma situação social mais confortável.

A TV opera um importante papel no manutenção da ideia de medo. Bauman (2004) compreende os reality shows como forma de lembrar à população

o medo da exclusão. Nesses programas, a exclusão iminente é regra. Na narrativa, a delegada, que toma a frente no monólogo do segundo capítulo, é um exemplo de exclusão. O próprio capítulo no qual ela está presente tem sua existência questionada no terceiro capítulo quando o delegado “oficial” nega a existência da conversa entre o estudante de chinês e a delegada.

A exclusão institucionalizada exige papéis, devendo o sujeito escolher um deles: ou o indivíduo pertence e maneja um papel de excluidor ativo e empoderado por seu pertencimento ou é excluído. A exclusão é como a morte, já que representa a impossibilidade de conexão com a sociedade. O medo da morte assola a humanidade desde os tempos das cavernas quando foram criados mitos para tentar sobrepujá-lo (CAMPBELL, 1991). Bauman (2004) pontua esse medo, não como efêmero, mas como regra, presente pelas mudanças e pela fragilidade das relações – sendo essa relembração a todo o momento por notícias e reality shows.

Na regra de exclusão, a delegada representa a função de mártir, pois declara que tem prazer em ser humilhada, em estar em uma posição menor, em ser excluída e declarada como inferior. A personagem pontua em sua fala que conhece muito bem o funcionamento da exclusão e destaca em êxtase seu não pertencimento ao grupo de poder: “A humilhação só tem um antídoto. E é uma humilhação maior.” (CARVALHO, 2013, p.52). A personagem aponta em vários momentos seu prazer com a exclusão e a humilhação dele resultante, mencionando a fala de seu próprio psicólogo:

Sabe o que o psicólogo me disse? Que o risco do prazer aumenta com o risco de ser desmascarada na frente dos subordinados, aos quais dou ordens todos os dias, desmascarada e humilhada pelos que me dão ordens fora daqui. (CARVALHO, 2013, p.51)

A personagem ela tem necessidade de ser subjugada, linchada pela igreja, rejeitada por parceiros no grupo de namoros, mas também exerce uma posição de liderança visto o seu cargo de delegada, no qual tem o poder de decisão e até mesmo de exclusão total de pessoas do convívio social. Ela é agente excluída e excludente e tem prazer em ambos os casos.

3 Subterfúgios para o medo.

As tecnologias funcionam como veículos de rápida troca de informação (SANTAELLA, 2007) ou como mercado de relações líquidas (BAUMAN,2001). Todavia, a tecnologia também funciona como escape para o medo da mesma liquidez de relações. Estar engajado em comunidades e estabelecer novos laços pode ser uma boa ferramenta para não lidar com o medo da solidão. No livro *Amor líquido* (2008), Bauman, ainda que enfatizando os relacionamentos intrapessoais, expande a noção das relações para todos os campos nos quais o indivíduo só se sente plenamente satisfeito por um tempo, entretanto, quando a relação com o outro ou com o bem idealizado já não é tão agradável ou quando existem ofertas

mais atraentes, o indivíduo muda essa relação em busca de um novo ideal de felicidade. A busca desses laços efêmeros favorece a procura de novas mercadorias, novas pessoas que sejam agradáveis ou úteis pelo tempo que necessário. Percebe-se o acima exposto no excerto a seguir,

Nesta era de comunicação móvel, todos testemunhamos o desaparecimento progressivo dos obstáculos materiais que até agora bloqueavam os fluxos de signos e das trocas de informação. Cada vez menos a comunicação está confinada a lugares fixos, e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura da nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir, reviravoltas na nossa afetividade, sensualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam. (SANTAELLA, 2007, p.25)

Na passagem de Santaella (2007) vemos que relações virtuais e presenciais não são de todo diferentes, que esses espaços se mesclam na identidade e nas necessidades do indivíduo. As redes sociais destacam a facilidade de descarte de relações seja através da possibilidade de bloqueios como pela ampla variedade de opções de novas conexões que oferece. Atrelando essa leitura à obra, no caso do estudante de chinês, a ex-esposa deixa o relacionamento, que já não tem mais utilidade, para viver uma nova relação com um norte-americano. O estudante de chinês se caracteriza como uma pessoa solitária, pobre em laços sociais presenciais, não possui amigos que o visitam e não faz menção de uma relação próxima com a família ou à existência da mesma. As redes sociais abrem a porta para relacionamentos com o outro, lá ele pode encontrar pessoas que achem sua opinião importante e com ela concordem. Em vários momentos, no primeiro capítulo, o estudante de chinês pergunta pela existência de Wi-Fi, assinalando sua necessidade em publicar e compartilhar com seus afetos na rede o que está acontecendo com ele. Essa carência de troca instantânea de informação, que em geral são superficiais, rotineiras e de pouca valia, ajudam o indivíduo a passar o tempo e esquecer do espaço físico, onde sua vida pode ser muito menos atrativa: “Ninguém é inteligente sozinho. A gente depende da burrice dos outros para ser inteligente por comparação” (CARVALHO, 2013, p.78).

Na busca incessante por conhecimento e no sentimento de frustração por ainda não o ter adquirido, pode-se facilmente localizar a personagem como pertencente ao momento em que, segundo Jean-François Lyotard (1991) o conhecimento é uma das formas, senão a forma, mais importante na aquisição do poder. O personagem busca esse poder através da informação, por meio de *gadgets*, de jornais, da internet. A busca por poder e por melhores posições na sociedade tem raiz na humanidade em si e não é mérito pós-moderno. Contudo, o livro *Reprodução* (2013) é também uma crítica a superficialidade das informações. O estudante de chinês, tem acesso a tudo, sabe de tudo, leu tudo, mas a veracidade e confiança dessas informações é a todo momento posta em xeque.

A delegada, ainda que não demonstre nem um engajamento com as novas mídias mostra a necessidade de manter-se informada tanto no referente a informações sobre o mundo quanto à opinião dos demais a seu respeito. A delegada em vários momentos mostra que está a par de diferentes tipos de

informações, principalmente as científicas, que questionam a constituição humana. Ela fala, por exemplo, em biologia e existência ou não da criatividade e nessas informações embasa seu discurso e sua argumentação. Ao mesmo tempo, seu grande trunfo é a existência de um relatório escrito por seu psicólogo que diz muito a respeito dela e o fato de o delegado não o ter lido e mesmo questionar a existência desse documento, a frustra. Essa atitude não é muito diferente das pessoas que se incomodam por não receber um número mínimo de *likes* em uma foto ou opinião que é compartilhada à rede; o desejo da reação do outro é também uma necessidade do pertencer: “O relatório que você não leu diz que, se me deixarem, vou procurar a felicidade onde ninguém imagina. No lixo. Você não leu mesmo? Qual a diferença? Prazer, felicidade, tanto faz”(CARVALHO, 2013, p.47-48).

A noção de fragilidade dos laços é também observada na personagem. Ela procura grupos de relacionamento, e se coloca em posições de humilhação como o ato de pagar por relações sexuais para pertencer de alguma forma a um grupo e ter relações efêmeras, que não a façam sonhar com algo maior para o futuro. Na questão emocional, mesmo que as relações deem-se presencialmente, ela não tem estimativas para com o vindouro, e, dessa maneira, está a salvo do desapontamento com relação a ela: “Disse que me entreguei à igreja como antes tinha me entregado aos clubes de encontros. Com a mesma veemência” (CARVALHO, 2013, p.48-49)

Na citação acima, a personagem coloca a religião e os grupos de namoro no mesmo em mesmo patamar de fuga e de busca de pertencimento. A personagem frequenta o culto, ainda que não acredite em Deus e que possa passar pela humilhação de ser apontada e linchada pela acusação ao pastor que fora feita por ela enquanto policial, em virtude da investigação da qual participava – “Lamento te decepcionar mais uma vez. Mas você sabia que eu fui parar na igreja, investigando o pastor sob suspeita de falsidade ideológica, formação de quadrilha, contrabando, corrupção ativa e passiva, não sabia? Não precisa dizer nada” (CARVALHO, 2013, p. 107).

A delegada alega que gosta do medo de exclusão e de ser humilhada, mas o questionamento que se ela se faz é o de que até que ponto esse medo de exclusão não é melhor que a exclusão por si. Ela prefere estes grupos efêmeros onde a exclusão é iminente e ainda que esses grupos sejam líquidos são melhores do que o não pertencimento a eles, mesmo que este pertencimento não se dê de forma integral e/ou não dure por muito tempo. Como pode ser visto na seguinte fala da personagem: “Não sinto nada. Imitação de cristo. Meu lugar é na igreja, Faço como os outros. Reproduzo” (CARVALHO, 2013, p.48). É importante pontuar a ideia de reprodução no excerto mencionado, ela sugere que a delegada reproduz o comportamento de pertencimento de ritual do grupo, pois necessita fazer parte dele. O grupo de namoros fora substituído por uma ida rotineira à igreja, e quando essa não mais lhe contemplar, provavelmente, a personagem irá procurar outro coletivo para pertencer e vencer o isolamento.

[...] E se todo mundo é crente...Achei que você tinha pensado nisso. Eu penso todos os dias. Ritual serve para te convencer de que você não está sozinho. Não é melhor acreditar e

A delegada personifica sobremaneira o papel de mártir da exclusão, buscando desesperadamente o encaixe em grupos sociais que podem, por alguns, serem até mesmo desabonados de integridade. A visão pessimista da delegada ao referir-se aos grupos que pertence/pertenceu apresenta-se como uma medida preventiva para a sua possível exclusão desses grupos, já que ela toma como iminente seu afastamento e, assim, poderá mais facilmente lidar com esse fato se ele ocorrer, podendo, então, migrar para novos laços.

Nesse sentido, segundo Bauman (2008), “a principal deficiência confessada, e com monótona regularidade, é o pecado de não conseguir passar a perna nos outros...” (p.43). O teórico clarifica a ideia de que somos excluídos, mas também excludentes. Na personagem o estudante de chinês a ideia de excluir os outros como mecanismo para não ser excluído e mostrar que outros merecem a exclusão, mais do que ele, é bem mais pontual. O método de excluir é também um subterfúgio para escapar a exclusão, mostrar que outros devem ser, ao menos, excluídos primeiro, como exposto a seguir: “preferia nascer morto ou aleijado a nascer gay! Até nascia preto se precisasse, mas gay ?!” (CARVALHO, 2013, p.102-103).

A personagem em toda obra tenta manter um discurso de aceitação, que colabora com a noção de vários centros e da aceitação pós-moderna do diferente, mas em vários momentos deixa escapar ou se vale de seus preconceitos para mostrar que seu lugar é privilegiado e que não deve ser excluído, pois não comete as mesmas “faltas” que outras pessoas.

A narrativa também traz à tona o medo da morte, atentando para a ideia de morte física, inescapável. Os subterfúgios para este evento são poucos, sem garantias e, em geral, estão muito mais perto da ideia de sonho do que de realidade. Não temos poder nas escolhas da sociedade depois da morte, não há como saber se as mudanças que faremos, e se fizermos, serão lembradas.

Esse mundo que persistirá depois do termino da vida de alguém será habitado por outras pessoas. E aquela que causou o impacto não estará entre seus habitantes, mas as outras que lá estarão vão vivenciar o impacto daquela vida que chegou ao fim – e, ao que se espera o reconhecerão (BAUMAN, 2008, p.50)

Bauman (2008), demonstra que a necessidade de inserção no mundo é intrínseca ao indivíduo. Já que o evento da morte é inevitável talvez consigamos projetar os nossos vestígios nas gerações futuras. Ainda assim, a necessidade de permanência do sujeito na pós-modernidade tem se destacado e as mídias tomam vantagem desse medo. Essa urgência se faz presente pelo constante pedido do estudante de chinês pela senha da Wi-Fi, já que ele precisa publicar o que está passando, de forma a deixar um registro; burlar a morte. A personagem quer que todos tenham acesso à sua história, que ficará disponível depois da sua morte; se algo acontecer com ela, deseja que saibam que esteve em uma delegacia.

Considerações finais

Isto posto, é possível perceber que as mudanças profundas da era pós-moderna vêm provocando transformações que condicionam a experiência humana em todo o mundo. Tais transformações, efeitos de ações como as dos processos de globalização, informatização das redes socio-organizacionais, da crise do sujeito, deixam uma sensação de vazio, de perda de chão, de desequilíbrio, de “desmonte” e “descontrole” jamais vividas historicamente.

A internet, o mundo da tecnologia, este espaço propiciador da rede, se mostra um lugar onde a pluralidade e a participação são permitidas ainda que, de certa forma, neste meio também exista a reprodução de padrões sociais já existentes. As sociabilidades são firmadas especialmente em laços fracos, as identidades mudam, as fronteiras são quebradas, as incertezas navegam junto com os indivíduos neste oceano, que ao mesmo tempo permite novas experiências com o pensamento e a cognição, em tempo real e em constante processo de ressignificação.

Na obra, essas características se manifestam através do medo da exclusão, da ansiedade pelo futuro, bem como em comportamentos contraditórios personificados pela personagem da delegada que demonstram um sujeito pós-moderno fragmentado. A pós-modernidade e a contingência reconstróem a verdade, trazem a dúvida, o múltiplo, a diferença para o centro da definição da atual forma de vida. Os relacionamentos sociais encontram na sociedade contemporânea pós-moderna, desafios e necessidades de transformação coerentes com a época em que se vive. Nessa ideia de uma constante simulação e mutação, o sujeito perde-se de si e do outro que o cerca, em razão de que suas facetas são múltiplas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Medo líquido*. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CAMPBELL, Joseph. *The power of the myth*. Nova York: Anchor Books, 1991.

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

EVEN-ZOHAR, Itamar. "Polysystem Theory and Culture Research". In: EVEN-ZOHAR, Itamar. *Papers in Culture Research*. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2010.



HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUTCHEON, Linda. *A poetics of postmodernism: history, theory and fiction*. New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.

LYOTARD, Jean-Froçois. *O pós moderno*. – 3.ed. –Rio de Janeiro: José Olympio editora S.A.,1991.

MCLUHAN, Marshall. *Revolução na comunicação*. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1971.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

Para citar este artigo

PEREIRA, Ânderson Martins; ROCHA, Mariane Pereira; FARIAS, Ariane Ávila Neto de. A reprodução do medo na pós-modernidade: reflexões sociais na obra de bernardo de carvalho. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 371-384, maio-ago. 2019.

Os autores

Ânderson Martins Pereira é doutorando em Letras com ênfase em Estudos Literários, na linha de Sociedade, (inter)textos literários e tradução nas Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo bolsista CAPES. Possui graduação em Licenciatura em letras -Português/Inglês - pela Universidade Federal do Pampa (2012) e especialização na área de Linguagem e Docência (2014), pela mesma instituição. Mestre em letras com área de concentração em literatura comparada na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), período no qual foi, também, bolsista CAPES. É tutor a distância do curso de Letras da Universidade aberta do Brasil (UAB), vinculada a universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Atua principalmente nos seguintes temas: Utopia, Distopia, transumanidade, pós-modernidade e pós-humanidade.

Mariane Pereira Rocha é mestra em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas (2019). Possui Especialização em Literatura Inglesa (2017). Realizou a Graduação em Licenciatura em Letras com habilitação em Português, Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (2015). Atualmente é professora de Português, Literatura e Inglês no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) campus Jaguarão. Suas áreas de interesse incluem: literatura, modernidade, contemporaneidade, fotografia e poesia.

Ariane Ávila Neto de Farias é doutoranda em Letras, na área de História da Literatura da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pampa (2011) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Atualmente é assistente em administração da Universidade Federal do Pampa. Tem experiência na área de Literatura, Poesia, Gênero, Literatura Brasileira Contemporânea.